

Carta do Zé do Paço a seu compadre Cambuy,
achada na estrada e mandada tirar a limpo
por um cantador.

1

Eu venho compadre e amigo
em verso curto e ligeiro
contar-lhe factos que deram-se
aqui no mez de Janeiro

2

Constando que vinham vindo
os chamados federaes
para quem nada chegava
de cobre gado e animaes

3

Constando tambem que erão
malfeitores e assassinos
que degolavam por troça
moços velhos e meninos

4

Constando enfim que essa gente
onde passava agrupada
deixava a dor e a miseria
e tudo deixava em nada

5

O nosso compadre Quinco
sempre cheio de bondade
resolveu chamar o povo
pra lhe dizer a verdade

6

Convidou brancos e pretos
companheiros e inimigos
para virem defender
sua terra como amigos

7

Disse-lhes que era preciso
que todos fossem ouvidos
deixando odios e rancores
de lado bem esquecidos

8

Que viessem todos porque
seria mais respeitado
um grupo grande de homens
que um homem só isolado

9

Mas sempre recomendava
pelos perigos que havia
que casa sem ficar homem
de modo nenhum queria

10

Defender nossas familias
defender os nossos lares
evitar roubos e mortes
dezonras e mil pezares

11

O dever sagrado e santo
de quem na Lapa nasceu
coragem que nessa luta
onde cairdes caio eu

12

E assim ao povo falou
com toda a sinceridade
e logo o povo animado
caminha para a cidade

13

E dentro de pouco tempo
sem desgosto nem clamores
tinhão pra direito e honra
mil e tantos defensores

14

Era bello ver-se a gente
a marchar a caracoes
parecia uma cruzada
de verdadeiros heroes

15

Não vinhão de longes terras
em nome da liberdade
trazer a dor, a miseria
o luto e dura orfandade

16

Não tinham flores nem fitas
pelo chapéu ou no peito
mais tinham como divisa
justiça paz e respeito

17

E assim passaram-se as cousas
quando aos dezessete dias
foi a cidade atacada
por muitas feras bravias

18

Foi medonho esse combate
que de manhã começou
durante seis longas horas
o fogo nunca sessou

19

Eram tiros de espingarda
chamada fuzilaria
eram tiros de metralha
era troar de artilharia

20

Era sangue derramado
eram gritos de feridos
eram balas se cruzando
a zunir pelos ouvidos

21

Eram colunas inteiras
de inimigos que caíam
eram homens e cavalos
que os campos mortos cobriam

22

Mas no meio disso tudo
nossa gente sempre forte
dava vivas dava pulos
a zombar da própria morte

23

E o nosso compadre Quinco
brigando como um soldado
não deixou nunca seu povo
e o povo teve ao seu lado

24

Era bello ver nho Quinco
naquella laboriação
ouvira brancos e pretos
a todos dava atenção

25

Fazia fogo na linha
corria ver os baleados
matava a fome dos pobres
chorava junto aos finados

26

Mandava dar roupas a muitos
a outros dava dinheiro
a todos dava coragem
pra todos era maneiro

27

E depois desse combate
ouve dois inda mais fortes
nelles teve o inimigo
cerca de duzentas mortes

28

Mas o povo da cidade
sem sentir nenhum pavor
nos combates e no cerco
brigou sempre com valor

29

Cerca de quatro semanas
houve fogo noite e dia
sem que o povo nas trincheiras
revelasse covardia

30

E durante o tempo todo
que esse fogo perdurou
nho Quinco um só momento
seu povo nunca deixou

31

E quando já no final
a fome vinha chegando
com o povo ia nho Quinco
do que era seu partilhando

32

De tudo naquella casa
de pae pra filho havia
ninguem chegando-se a ella
sem ser servido sahia

33

Dava carne dava lenha
dava café e feijão
dava assucar e toucinho
dava o sal e proprio pão

34

Mas a dez de Fevereiro
tudo ficou assustado
vendo o General Carneiro
na Igreja sepultado

35

Então o compadre Quinco
viu perdidos os seus fins
pois tomou conta de tudo
o louco Serra Martins

36

Mas Deus que sempre proteja
a causa dos filhos seus
aos onze dias mandou-nos
o remedio la dos ceus

37

Um officio veio então
bem escripto em papel fino
propondo paz e assignado
o General Laurentino

38

É o nosso compadre Quinco
sempre vivo e atilado
de salvar todo seu povo
viu o momento chegado

39

Assentou a paz proposta
mas propoz a condição
garantia para todos
para o povo proteção

40

Não queria que do povo
ninguem sofresse mas nada
mas pedia que de todos
fosse a vida respeitada

41

Pedia mais que a fortuna
do povo fosse zelada
fosse a casa garantida
a familia consagrada

42

E pedia que se desse
a todos que estavam na cidade
pra viver com seus filhos
a mais plena liberdade

43

Disse mais que aquella gente
vindo alli pra se bater
não tinha culpa de nada
vinha cumprir um dever

44

E dizendo tudo isso
ia o povo dispensando
o nosso compadre Quinco
entre soluços chorando

45

Disse então o General
que acceitava a condição
dava a todos garantia
dava ao povo proteção

46

Mas chegando o dia doze
feito o trato de amizade
mandaram compadre Quinco
se retirar da cidade

47

Nesse mesmo dia as preças
teve o homem de sahir
mais pedindo pelo povo
sempre foi até partir

48

Foi porem acompanhado
do General Laurentino
bello moço riograndense
alma nobre trato fino

49

Era mesmo o que queriam
Certas almas comrrompidas
pois a noite ja as promessas
se mostravam esquecidas

50

Do nosso compadre Quinco
a casa foi varejada
roubaram quebraram tudo
não deixaram se não nada

51

Naquella casa em que vi
ingratos hoje esquecidos
quererem cahir de joelhos
por favores recebidos

52

Alli onde se matava
a sede a fome a mudez
onde lagrimas alheias
vi enchugar muita vez

53

Deram descargas diversas
com grito com vozeria
fazendo Felicio Rato
do salão estrevaria

54

Depois bandos de bichos
rasgando fazenda e palla
acabou casa e negocio
de nossa Comadre Nhala

55

Correndo nas outras casas
as familias assustavam
até por baixo das camas
o que roubar procuravam

56

Obrigavam as mulheres
arrastadas pelas tranças
a dar contas dos maridos
que feriam com as lanças

XX..XX..XX